

Reflexões

O olhar sobre a velhice



Vivian Souto Petroni

Existe uma ligação entre a concepção da velhice presente em uma sociedade e as atitudes desta, a respeito das pessoas que estão envelhecendo.

A velhice começou a ser tratada como uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e a ausência de papéis sociais a partir da segunda metade do século XIX. Nessa perspectiva o avanço da idade dar-se-ia como um processo contínuo de perdas e de dependência, enfraquecendo os papéis sociais, ligados a falta de condições dos idosos, responsável por um conjunto de imagens negativas associadas à velhice (DEBERT, 1999).

Essas associações negativas marcaram a identidade dos velhos ao longo do tempo, e ainda permanecem. Assim, a velhice foi sendo considerada como uma etapa detestável pela maioria das pessoas, que não se dão conta de que ela é uma experiência individual, que pode ser vivenciada de forma positiva ou negativa, dependendo da história de vida do indivíduo e da representação da velhice que está enraizada na sociedade na qual vive.

Estudos realizados em sociedades não ocidentais apresentam imagens positivas da velhice e do envelhecimento, ensinando que a representação de velhice enraizada nas ideias de deterioração e perda não é universal. À medida

que o envelhecimento é documentado em outros povos, constata-se que ele é um fenômeno profundamente influenciado pela cultura (UCHÔA, 2003).

Na China e no Japão, os idosos sempre foram tradicionalmente tratados com respeito e atenção, pela vasta experiência acumulada em seus anos de vida, sendo a família seu porto seguro. Os familiares mais jovens demonstravam orgulho dos sacrifícios realizados pelos seus idosos em benefício da família, como a iniciação ao trabalho muito cedo com pouca instrução para o sustento e estudo dos filhos, demonstrando sempre alegria, festa e plenitude pela presença do idoso.

As culturas dessas sociedades eram referências na tradição do bem cuidar e reverenciar os idosos, resultado de uma educação milenar de dignidade e respeito. Os japoneses consultavam os anciãos antes de grandes decisões, por considerarem seus conselhos sábios e experientes.

Não se perguntava a idade a uma mulher jovem, mas sim às mais idosas, que respondiam com muito orgulho terem 70 ou 80 anos, ao contrário do que se passa na sociedade brasileira, na qual a partir de certa idade não se deve perguntar a idade para não causar constrangimentos, como se ter muitos anos de vida fosse motivo de vergonha.

Na tradição japonesa, ao completar 60 anos, é permitido ao homem o uso de blazer vermelho, pois somente com seis décadas de vida há a liberdade de usar a cor dos deuses. Usualmente, em nosso país, a cor vermelha é destinada para os mais jovens, e à medida que os indivíduos envelhecem as cores utilizadas são mais claras e sóbrias (MASC, 2013).

No entanto, dados recentes indicam uma mudança acelerada no envelhecimento no Japão, o que se tornou motivo de preocupação na sociedade contemporânea.

Segundo informes atuais (2018)¹ o número de indivíduos com 75 anos ou mais foi estimado em 17,70 milhões, segundo dados preliminares do Ministério dos Assuntos Internos e das Comunicações do Japão. Estes números indicam o acelerado envelhecimento dos cidadãos japoneses, o que acarreta crescentes custos para a previdência social, com forte impacto no orçamento do governo. Assim, o país enfrenta a urgente tarefa desenvolver sistemas estáveis de atendimento médico aos idosos, bem como medidas de apoio aos anciões que vivem sozinhos.

Os processos de mudança e transformação são parte da estrutura de todos os grupos sociais, mas na contemporaneidade vivemos uma 'aceleração' do tempo e, assim, nem a tradição japonesa ficou imune às transformações provocadas pelo mercado e relações sociais. Assim, as estruturas familiares tradicionais foram fortemente impactadas pelo predomínio do modo de vida na qual imperam as relações trabalhistas, no qual está cada vez mais difícil o

¹<http://mundo-nipo.com/noticias-2/20/03/2018/pela-1a-vez-mais-da-metade-dos-idosos-no-japao-tem-75-anos-ou-mais/>

cuidado dos muitos idosos e fragilizados pelas famílias, aliada a falta de profissionais na área específica².

Constata-se, assim, que as concepções de velhice são o resultado de uma construção social e temporal, no seio de uma sociedade com valores e princípios próprios, que são atravessadas por questões multifacetadas, multidirecionadas e contraditórias, impactadas pela dinâmica natural a todo o grupo social.

Com a evolução e o progresso fruto da revolução industrial ocorreram mudanças na estrutura social, e uma decorrente inversão de valores, em vez da sabedoria o indivíduo passa valorizado pela sua capacidade de produção, restando aos mais velhos um lugar de exclusão e marginalização. No século XXI, ao mesmo tempo em que a sociedade potencializa a longevidade, nega aos velhos o seu valor e sua importância social. Outro ponto importante é a ênfase contemporânea na juventude, na beleza, na autonomia, no ser reprodutivo e na força e progresso, contexto no qual a figura do velho remete à decrepitude e a proximidade da morte.

De acordo com Papalia et. al. (2006), o envelhecimento é visto em diversas culturas como indesejável. Os estereótipos refletem ideias errôneas comuns, como: as pessoas idosas são doentes, são rabugentas e excêntricas, gerando uma imagem distorcida da velhice, pois se constata que a maioria dos idosos não é doente, além de apresentarem dimensões de personalidade construídas ao longo de toda a vida. Assim, embora a velhice seja uma etapa natural da vida, a construção social pode manter o preconceito, pois ao mesmo tempo em que as pessoas querem viver muito, não querem ficar velhas ou parecerem velhos.

Segundo Ferreira (2000), o termo “velho” significa muito idoso, antigo, gasto pelo tempo, experimentado, veterano, que há muito tempo exerce uma profissão ou tem certa qualidade, desusado, obsoleto. Nesta breve definição, percebem-se os vários sentidos negativos da palavra.

De acordo com Gibson (2000), citado por Schneider e Irigaray (2008), atitudes preconceituosas e estereótipos sociais estão também incorporados na linguagem e, nesse sentido, levarão muitos anos para ocorrerem mudanças. Segundo o autor, o termo velho não significa decrepitude, desgaste, fora de moda, mas simplesmente se refere ao número de anos que a pessoa viveu.

Para Schneider e Irigaray (2008), a existência de múltiplas palavras para nomear a velhice revela o quanto o processo de envelhecimento é complexo, negado, evitado ou mesmo temido. Evidencia claramente a existência de preconceitos, tanto por parte da pessoa idosa quanto da sociedade, sendo importante uma reeducação visando à superação dessas ideias, pois o ideal seria que a velhice fosse vista com orgulho, valorizando os muitos anos vividos e suas conquistas, experiências, sabedoria e liberdade.

² <https://www.coisasdojapao.com/2018/01/o-crescente-desafio-a-dura-realidade-dos-idosos-no-japao/>

Para San Martín e Pastor (1996), não existe um consenso sobre o que se nomeia velhice porque as divisões cronológicas da vida do ser humano não são absolutas e não correspondem sempre às etapas do processo de envelhecimento natural. A velhice não é definida por simples cronologia, mas pelas condições físicas, funcionais, mentais e de saúde das pessoas, o que equivale a afirmar que podem ser observadas diferentes idades biológicas e subjetivas em indivíduos com a mesma idade cronológica.

Segundo Schneider e Irigaray (2008), na sociedade atual convive-se com diferentes tempos: o tempo do indivíduo e o tempo social. As regras sociais determinam o tempo para ir à escola, começar uma carreira, casar, ter filhos, ter netos e se aposentar. As pessoas procuram estar dentro do tempo social, sentindo-se 'deslocadas' quando estão atrasadas ou adiantadas.

O tempo social é vivido por todos - crianças, adolescentes, adultos e idosos - um modelo linear de desenvolvimento no qual se define também o momento no qual as pessoas são consideradas velhas. Desta forma, a velhice é uma construção social e cultural, que na contemporaneidade é sustentada pelo preconceito de uma sociedade que quer viver muito, mas não quer envelhecer. Assim, o uso de inúmeros termos e expressões para se referir às pessoas mais velhas e à velhice revela a existência de preconceitos sociais por parte da sociedade e do próprio indivíduo que envelhece.

Estima-se que a maior valorização do velho, no Brasil, possa se concretizar em um futuro próximo, no qual a tendência seria rever os estereótipos associados à velhice. A visão do envelhecimento como sinônimo de doença e perdas deve evoluir para a concepção de que essa fase do ciclo vital é momento propício para novas conquistas, continuidade do desenvolvimento e produção social, cognitiva e cultural; as experiências e os saberes, acumulados ao longo da vida, consideradas como ganhos a serem valorizados e utilizados em prol dos indivíduos e da sociedade; uma perspectiva na qual a velhice seja valorizada como uma fase boa, reconhecida pelos ganhos e administração das transformações, cabendo ao idoso potencializar os próprios recursos e atuar na autoconstrução da subjetividade e da identidade.

Referências

DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Universidade de São Paulo/Fapesp, 1999.

FERREIRA, A. B. H. *Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da Língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MASC, S. *O olhar ao idoso no Japão e China*. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ladem/2013/06/28/o-olhar-ao-idoso-no-japao-e-na-china-por-silvia-masc/>. Acesso em 18/06/2018

PAPALIA, D. E; OLDS, S. W & FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SAN MARTÍN, H & PASTOR, V. *La epidemiologia de la vejez*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1996.

SCHNEIDER, R.H. & IRIGARAY, T.Q. *O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais*. *Revista Estudos de Psicologia – Campinas*. Vol.25, no.4 Campinas Oct./Dec. 2008. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000400013

UCHÔA, E. Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. *Cadernos de Saúde Pública*, 2003, 19 (3), 849-853. ISSN 0102-311X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2003000300017>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2003000300017&script=sci_abstract&tlng=pt

Data de recebimento: 7/11/2018; Data de aceite: 21/12/2018

Vivian Petroni de Moraes Barros - Assistente Social. Integrante do Centro Especializado em Reabilitação física e intelectual - Lapa/Pinheiros. Pós-graduada em Saúde Pública pela Faculdade São Camilo. E-mail: vivian.souto@hotmail.com